

O HISTORIADOR E O DILEMA DE PENSAR HISTORIOGRÁFICO EM SUAS NARRATIVAS

THE HISTORIAN AND THE DILEMMA OF HISTORIOGRAPHICAL THINKING IN THEIR NARRATIVES

Tiara Cristiana Pimentel dos Santos¹ 

Recebido em: 20/09/2023

Aceito em: 23/05/2024

Publicado em: 09/06/2024

Resumo: Construir a narrativa histórica no século XXI é desafiador para o historiador, que busca plausibilidade e imparcialidade. As fontes primárias são essenciais, usando crítica e hermenêutica. A memória desempenha papel importante, coletando relatos orais e memória pessoal do autor, evitando imprecisões históricas. A memória varia entre indivíduos e pode se perder ao longo do tempo. O historiador lida com o tempo presente ao interpretar o passado, rompendo a divisão temporal. A escrita histórica requer organização e busca pela verdade em meio à infinitude do tempo.

Palavras-chave: História, Historiografia, Historiador.

Abstract: Constructing historical narratives in the 21st century poses challenges for historians who strive for plausibility and impartiality. Primary sources are essential, employing critique and hermeneutics. Memory plays a significant role, gathering oral accounts and the author's personal memory, avoiding historical inaccuracies. Memory varies among individuals and may fade over time. Historians grapple with the present while interpreting the past, breaking temporal divisions. Historical writing necessitates organization and the pursuit of truth amidst the infinity of time.

Keywords: History, Historiography, Historian.

INTRODUÇÃO

Construir a narrativa de um fato na historiografia, no século XXI torna-se uma tarefa desafiadora para o historiador, pois este necessita ter a compreensão de métodos para que a sua historiografia, tenha reconhecimento, pois, a história é contada através dos fatos, e segundo Chateaubrian “Cada um escreve como vê como sente; não se pode exigir do historiador se não o conhecimento dos fatos, e a imparcialidade do julgamento e o estilo” (2015, p. 130) desta forma o autor defende que o historiador não está isento de seus conhecimentos para analisar os fatos.

Assim, o que se apresenta para o historiador, não é um passado em que se tem todos os elementos, mas sim, são apenas pequenas partes de um passado, podendo dizer que estas partes, são simbolicamente fendas, que dependendo do ponto de vista de cada indivíduo, o passado pode apresentar ângulos diferentes, em outras palavras.

¹ Doutoranda em História Pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Bolsista Capes. E-mail: tiaracpds@gmail.com

O que nos está disponível para a pesquisa não são os passados, mas, em parte, um dia vivos e significativos; outros já se apresentam reformados e ainda com utilidades *resquícios* deles, e, em outra parte, *concepções* a respeito deles. Fato inserido no seio do presente; alguns, destroçados e isolados, evocam a lembrança de como foram práticas; outros ainda alterados até o ponto de serem irreconhecíveis e estarem totalmente imersos no ser e na vida do presente; e este nada mais é do que a síntese de todos os restos e resultantes do passado. (DROYSEN, 2015, p.42)

Mas isto não quer dizer que o historiador cometerá o equívoco de julgar os fatos passados pelos acontecimentos futuros, pois não cabe ao historiador julgar os fatos, e sim torná-los, os mais próximos de uma verdade. Pois no memento que o historiador julga um fato, compromete todo o seu trabalho histórico.

Acima de tudo, devemos cuidar que nossas pressuposições (ou vieses) nunca invadam a esfera da investigação científica da evidência, a coleta e a confrontação dos fatos da história. A descoberta dos fatos deve ser o elemento verdadeiramente científico na tarefa do historiador. Imparcialmente desvendado; o campo dos fatos haverá de ser o piso comum para todos os historiadores, muito embora eles venham divergir na interpretação que lhes é imputada. Mas, contanto que haja uma tal área comum, o desacordo gerado pelas várias interpretações será menor (TREVELYAN, 2015, p. 138).

A interpretação das fontes primárias exige que o autor, relacione elementos e métodos que tragam a plausibilidade para seu texto, sendo eles, as bibliografias, o método histórico a ser utilizado, e a forma como o autor se posiciona perante o fato, tendo claro estes elementos, a ele próprio escolher qual caminho sua interpretação vai seguir.

Assim é necessário que o autor busque as fontes ou seja os documentos que compões e que vão fazer parte do enredo, a ser interpretado, desta maneira procurando fazer a tríade que consiste na crítica, heurística e hermenêutica, para alcançar a plausibilidade dentro da história que será narrada.

A narrativa histórica é uma ferramenta que faz com que o historiador seja interlocutor dos fatos, tem de conter na maior parte do tempo, o máximo de verdade, que possa ser extraída através da memória do historiador, e dos sujeitos que estão inseridos nela. “A verdade do conhecimento baseia-se na complementação a ser feita pelo historiador ao que chamamos anteriormente de ponte invisível do fato” (HUMBOLDT, 2015, p. 83).

Sendo assim, este intermédio de buscar profundamente o redigir das fontes, torna o ofício do historiador uma arte, permitindo a quem vai ler, uma nova maneira de ver o fato em si, permitindo-

o perceber, que a história não tem apenas uma maneira de ser contada, através de resquícios que restaram do passado.

O historiador necessita em uma narrativa fazer sobre o fato, o que o autor chama de complementação, ou seja, aquilo que sua memória e imaginação permitir desenvolver, sobre aqueles documentos que estão à disposição, chegando assim em uma verdade histórica.

No pensamento relativo acontece então que, por um lado, todos dizem a mesma coisa e, por outro, cada um diz uma única coisa: todos dizem a mesma coisa, isto é a verdade, que só pode ser única e idêntica, e cada um diz uma única coisa, ou seja, diz a verdade do seu modo próprio, do modo que *solum* é seu; e é verdadeiro pensador aquele que não somente diz a verdade única, a qual na sua infinidade pode bem reunir todas as perspectivas por mais diversas que sejam, mas também insiste em dizer e repetir, por toda a vida, aquela única coisa que é a sua interpretação da verdade, porque aquela continua repetição é o sinal de que, longe de limitar-se a exprimir o tempo, atingiu a verdade (PAREYSON, 2005, p. 11).

E para que a verdade ocorra o tempo tende a ser pensado para a realização desta narrativa, se o tempo presente não tem divisão é o tempo em que o historiador escreve então é possível que, através apenas do tempo presente que é permitido a interpretação do passado pois, e no tempo presente que se quebra a contagem e a divisão do tempo.

O historiador não deve ir apenas atrás dos fatos é necessário que tenha lugar para o desenvolvimento das ideias, estas ideias devem ser pensadas a partir da interlocução das fontes que se tem em mão, permitindo que o historiador não crie uma possibilidade, mas sim varias para redigir a história.

O estudo da história dá ao homem algo que não se encontra na filosofia e na poesia, a saber, o sentido para a realidade. Tal sentido, porém, em momento algum poderá ser igualado a uma objetividade ingênua e descritiva: em meio a o caos aparente da realidade, cabe, sim, ao historiador, com o intermédio da fantasia, reconhecer formas (HUMBOLDT, 2015, p. 79).

E para que a verdade ocorra o tempo tende ser pensado para a realização desta narrativa, se o tempo presente não tem divisão, é o tempo em que o historiador escreve então é possível que, através apenas do tempo presente que é permitido a interpretação do passado pois, e no tempo presente que se quebra a contagem e a divisão do tempo.

É quando ele passa que medimos o tempo: não o futuro que não é, não o passado que não é mais, nem o presente que não tem extensão, mas “os tempos que passam”. É na própria passagem, no trânsito que é preciso buscar ao mesmo tempo a *multiplicidade* do presente e seu *dilaceramento* (RICOEUR, 1997, p. 35).

Pois esta contagem, e divisão tanto de um tempo passado quanto de um tempo futuro só é possível na memória de quem escreve, sendo então o tempo variável, as datas são mutáveis e o tempo não existe, o que existe são mecanismos que o indivíduo juntamente com a interlocução de sua memória inventou para a fixação dos fatos, da evolução que estava acontecendo, ou podemos definir como o ciclo humano de morte e renascimento, assim distinguiriam “o tempo” que ocorreu determinado acontecimento histórico. “O empírico espera e recorda-se, contudo, a espera e a memória estão “na” alma, a título de imagens – impressões e imagens signos. O contraste encontra-se no presente” (RICOEUR, 1997, p 38-39) é através do presente que se faz a interpretação do passado, apontando datas e tempos que estão na “alma”, ou seja, na memória do historiador.

É, pois, na alma, a título de impressão que a espera e a memória têm extensão, mas a impressão só está na alma enquanto o espírito age, isto é, espera está atento e recorda-se. (RICOEUR, 1997 p. 39), então o que é o tempo se não a memória? Se não conseguimos medir o tempo, se o tempo não tem medidas fixas, conseguindo comparar ele, apenas com o tempo presente que em segundo se torna passado então o tempo se torna a “alma” e memória do sujeito.

Para realizar uma construção histórica é necessário que tenhamos a percepção do fato. Mas, também, de como deve-se fazer a interpretação para a extração da veracidade histórica, na desenvoltura em que o fato está inserido. Desta maneira busca-se compreender como a memória faz um aporte importante na construção historiográfica.

A memória nos remete a algo particular de cada pessoa, é onde pode-se ter as mais belas lembranças de infância, ou até mesmo tristes recordações de épocas marcantes em nossas vidas. As lembranças recorrentes da memória são distintas de indivíduo para indivíduo. Uma mesma lembrança pode trazer um esplendoroso significado para uma pessoa e para a outra, nem se quer fazer muito sentido.

Pode-se trabalhar a memória dentro da história em vieses diferentes. No texto presente, se trabalhará com duas perspectivas: a primeira será como trabalhar a memória coletada para fontes orais, onde o historiador reúne relatos da memória de um indivíduo para transformá-los em puramente parte de um enredo historiográfico. A segunda seria de um viés mais particular do autor, sobre como este utiliza a sua memória para construção do texto. Sendo assim, é preciso cuidado para não cometer algumas impertinências históricas, em que sua memória pode se perder através de um tempo em que o historiador está escrevendo.

E é neste viés que ocorrem as memórias historiográficas. Da mesma maneira que um relato de uma memória de um indivíduo possa fazer sentido para a construção de uma história envolta de um fato. Então assim temos a importância de coletar fontes orais para que se construa uma história, em que não se perca no tempo e espaço as inúmeras memórias que se fazem partes no quebra-cabeça, ou simplesmente um mosaico que é a história regional.

Desde os inícios dos tempos, o ser humano tenta fazer com que suas memórias não sejam esquecidas. Um exemplo destas tentativas são as pinturas rupestres encontradas em cavernas, estas sendo uma maneira de relatar, na nossa pré-história, os acontecimentos do cotidiano. Outro exemplo de memória são os costumes passados de gerações a gerações por alguns povos originários. Mas ao contrário da escrita, as memórias contadas vão se modificando, e com o tempo se perdendo, alguns costumes sendo esquecidos ou modificados pelas próximas gerações. Nestes exemplos dos antepassados, ou dos povos com as culturas mais primitivas, podemos chegar a conclusão de que a memória escrita é a melhor maneira das futuras gerações conhecerem as histórias passadas.

Mas a verdade é que jamais atingiremos o passado se não nos colocarmos nele de saída. Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente emergindo das trevas para a luz do dia (BERGSON, 1999, p.157).

A lembrança não é uma simples constatação do objeto presente com a memória, ela vai muito além disso. Isto pois quando constatada a imagem do objeto presente não se sabe onde começa ou onde termina a determinada lembrança pois a memória é um ciclo infindável. Ela e o tempo andam paralelamente, em um espaço de separação muito curto. É necessário que o tempo passe para que as imagens que constituem a memória ocorram.

Levando em conta que o tempo está na memória ou é a memória do historiador então este tempo é infinito, e estável, desta maneira o historiador pensa e escreve sua narrativa, em uma eternidade, pois a memória não está presa em apenas um “tempo”, mas sim transitando entre os vários espaços de datas e tempos, tornando assim uma memória eterna em um tempo móvel, onde através de datas que se é o fato histórico, delimitando em sua narrativa a eternidade histórica.

Desta maneira só se pode ter certeza do tempo depois que ele passou, assim o historiador busca em suas narrativas aprimorar o máximo de verdade histórica a partir de um marco inicial os fatos ou as datas. Que a o meu ver é um mecanismo que faz com que a narrativa não se perca na

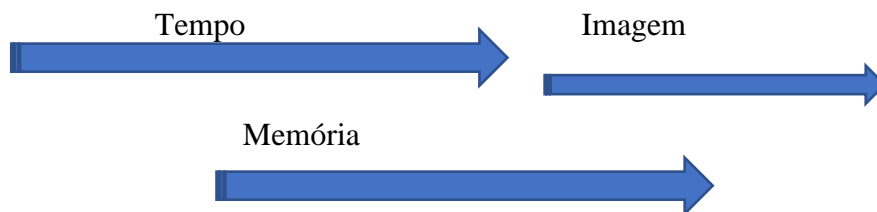
infinidade do tempo. Se o tempo para o historiador é a memória escrever uma narrativa histórica requer uma organização da eternidade de tempos que infinda sua memória, colocando assim em ordem cronológica sua narrativa histórica. (...) “que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1997, p. 85).

MEMÓRIA E TEMPO

Desde os inícios dos tempos, o ser humano tenta fazer com que suas memórias não sejam esquecidas. Um exemplo destas tentativas são as pinturas rupestres encontradas em cavernas, estas sendo uma maneira de relatar, na nossa pré-história, os acontecimentos do cotidiano. Outro exemplo de memória são os costumes passados de gerações a gerações por alguns povos originários. Mas ao contrário da escrita, as memórias contadas vão se modificando, e com o tempo se perdendo, alguns costumes sendo esquecidos ou modificados pelas próximas gerações. Nestes exemplos dos antepassados, ou dos povos com as culturas mais primitivas, podemos chegar a conclusão de que a memória escrita é a melhor maneira das futuras gerações conhecerem as histórias passadas.

Mas a verdade é que jamais atingiremos o passado se não nos colocarmos nele de saída. Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente emergindo das trevas para a luz do dia. (BERGSON, 1999, p. 157).

A lembrança não é uma simples constatação do objeto presente com a memória, ela vai muito além disso. Isto pois quando constatada a imagem do objeto presente não se sabe onde começa ou onde termina a determinada lembrança pois a memória é um ciclo infundável. Ela e o tempo andam paralelamente, em um espaço de separação muito curto. É necessário que o tempo passe para que as imagens que constituem a memória ocorram.



Uma demonstração rápida destes acontecimentos pode ser explicada, através de um exercício. Se neste exato momento você levantar da cadeira que se encontra sentado, e se locomover até um primeiro ponto de parada, a sua memória vai relatar os acontecimentos que ocorreram neste curto espaço de tempo. Caso não tenha se movido, e apenas feito o exercício de ler, a imaginação projetou o que poderia ter acontecido. Desta maneira se tem um 2º exercício de tempo e memória, o 1º seria um exercício prático onde a memória surge através do movimento e da prática.

O segundo exercício, se refere a uma memória que está ligada a imaginação. Mas tratando de memória histórica aguçada por um fato, ela pode se tornar verídica, e não somente fictícia. Isto pois trata de fatos que aconteceram, e isto só se distingue de uma ficção pelas fontes existentes.

Para que ocorra esta imaginação verídica é necessário que primeiramente algo desperte e faça acontecer esta imaginação. Se tratando de história, precisa-se que este despertar de uma memória seja comprovado, e esta comprovação vem através dos fatos. Assim, do mesclar de objeto e imaginação surge a memória.

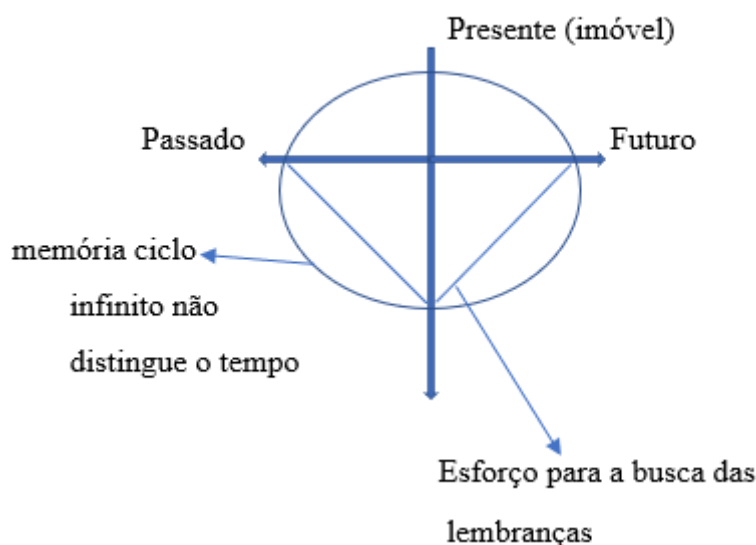


A figura que virá mais abaixo remete as possíveis lembranças da memória. Estas memórias estão fixadas em um tempo, sendo este o tempo passado, tempo futuro e o tempo presente. O passado que aconteceu está em movimento, pois consegue-se remeter sempre a um tempo anterior desta maneira ele está retrogrado. E o tempo futuro é imaginável de uma forma que vai existir, assim sempre vemos o tempo à frente. E o tempo presente é o único que não se divide, é o aqui e o agora onde tudo acontece.

Tanto o tempo passado quanto o tempo futuro só são possíveis através do tempo presente. E a consciência presente na memória transita entre estes tempos. Por exemplo: ao mesmo instante que

se pensa em um acontecimento passado, consegue-se fazer uma ligação com o futuro, isso só é possível com a transição que a consciência faz em ligar os fatos.

Esta ligação é esforço que o indivíduo faz para buscar as imagens passadas ou de imaginar o futuro. Mas o passado também pode e deve ser imaginado. Pensando assim viria uma possível crítica fazendo a seguinte pergunta: será que o passado é imaginado? Daria a resposta que sim. Pois na construção do enredo do historiador, ele não vai conseguir se isentar totalmente do exercício de anacronia, em que ele parte do futuro para interpretar o passado, e nem de suas cargas históricas. A partir deste pressuposto, o historiador vai começar imaginar um passado para escrever uma história, partindo das fontes e dos fatos existentes. Assim fazendo uma imaginação que possivelmente se caracterizaria como verídica.



A memória é feita de imagens, mas em nossa consciência nem toda imagem é puramente verdadeira. O exercício de projeção de imagem, quando algo é contado ou narrado, faz com que estas imagens sejam desenvolvidas em nosso consciente. Pode-se fazer o exercício, em que se tem uma janela. De janela para fora, se vê árvores, através das árvores se tem campos. Neste momento a sua memória buscou as possíveis imagens que corresponderia a cada uma das figuras relatadas o mais fielmente possível, mostrando que a memória é um ciclo de infinidade entre imagens que nem sempre nos remetem a algo que já presenciamos.

Quando se fala em memória precisamos distinguir imaginação de memória. Imaginação é aquilo que o indivíduo imagina, o projetar algo em sua consciência. E a memória é algo presenciado pelo indivíduo, e narrado, utilizado pelo historiador, para a concretização de um aparato histórico.

Imaginar não é lembrar-se. Certamente uma lembrança, à medida que se atualiza. Tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me reporta-ra ao passado a menos que seja efetivamente no passado que ele vá busca-la, sendo assim a progressão continua que a trouxe da obscuridade a luz (BERGSON, 1999, p. 157).

Mas tem que levar em consideração que o exercício que o historiador faz ao se reportar ao passado se torna uma constante imaginação verídica, para mais tarde se tornar memória. Pois, a partir do fato que o historiador tem, a imaginação que o mesmo projeta para narrar o seu trabalho histórico, em algum momento vai fomentar a memória de algum indivíduo, tornando a imaginação verdadeira, dentro da história.

Pode-se reportar, a essa busca de imagens de um passado o exercício do historiador buscar juntamente com o objeto e fontes estudadas, a imaginação precisa para que a história aconteça. Assim esta busca pela imaginação verdadeira, torna-se um exercício de anacronia, pois o historiador se reporta em sua imaginação para o passado buscando a compreensão verídica de seu objeto de estudo.

O passado “tempo” tem que ser lido ou interpretado para não ser esquecido. Mas este passado pode não estar apenas escrito, e sim na memória. Estando na memória é precisa ser de alguma forma lapidado para que se transforme em história. E assim estando em um ciclo que inclui passado, memória, narrativa e história.

Assim chega a um ponto que a memória e o tempo seguem juntos. A memória não existiria sem o tempo, e o tempo não teria sentido sem uma memória. Isto pois é o tempo físico que nos permite contar os fatos através das datas, colocando um marco para distinguir as datas históricas.

A memória e o tempo andam juntos na construção da narrativa. A memória é algo que está dividida em seu tempo e datas, e imagens. As imagens da memória não fluem apenas de uma vez, como a erupção de um vulcão, mas sim conforme solicitadas uma a uma as imagens formão um mosaico, transformando-as em memória.

Vários aspectos do tempo, podem ser detectados e interpretados considerando:

a) o tempo cronista utilizado pelos autores que escrevem a história em forma de crônica, onde o mesmo não se limita totalmente a descrição dos fatos ocorridos, mas inserido algo de seu próprio conhecimento em suas escritas.

b) tempo dos Anais, escolhem o fato a ser estudado, e o separam assim existindo relação de tempo, não existindo prioridade entre o tempo anterior e o posterior.

c) tempo prospectivo, ele faz uma retrospectão ao tempo passado e aos fatos anteriores, mas depois retornando ao ponto de partida.

d) tempo retrospectivo, após definir os acontecimentos o autor volta e avança no tempo assim tendo melhor definição do fato a ser estudado. “é intercalar sequências retrospectivas ou prospectivas as sequencias correspondentes ao momento narrado, de modo a deslocar a mesma ação ora para passado hora para o futuro.” (TOPOLSKI, 1986, p. 51) assim a narrativa segundo Topolski é a mistura de frases utilizando todos os tipos de tempo.

Percebemos que as definições do tempo dentro da história, tem concepções e significados diferentes, ao longo da escrita das narrativas históricas interpretando que dentro da história é possível distinguir os diferentes tipos de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a construção da narrativa histórica no século XXI apresenta desafios para o historiador, que busca plausibilidade e imparcialidade. Para alcançar esses objetivos, o historiador utiliza fontes primárias, aplicando crítica e hermenêutica. A memória desempenha um papel importante, tanto na coleta de relatos orais quanto na memória pessoal do autor, evitando imprecisões históricas. No entanto, a memória varia entre os indivíduos e pode se perder ao longo do tempo.

O historiador lida com o tempo presente ao interpretar o passado, rompendo com a divisão temporal. A escrita histórica requer organização e a busca pela verdade em meio à infinitude do tempo. É essencial que o historiador seja consciente de suas pressuposições e vieses, evitando que eles influenciem a investigação científica dos fatos históricos.

A interpretação das fontes primárias exige que o historiador relacione elementos e métodos para garantir a plausibilidade de sua narrativa histórica. A busca pelas fontes, a aplicação da crítica, heurística e hermenêutica são passos importantes nesse processo. A narrativa histórica é uma ferramenta que permite ao historiador ser o interlocutor dos fatos, buscando a máxima verdade possível através da memória e das fontes disponíveis.

A história não possui uma única maneira de ser contada, mas sim várias possibilidades que dependem da interpretação do historiador. A memória desempenha um papel fundamental nesse processo, sendo a base para a construção historiográfica. No entanto, é importante ter cuidado para não cometer imprecisões históricas, pois a memória pode se perder ao longo do tempo.

Além disso, o tempo é pensado como parte integrante da realização narrativa, rompendo com a contagem e divisão tradicionais. A interpretação do passado é feita no presente, através da memória e da interlocução das fontes disponíveis. O tempo é entendido como algo variável e subjetivo, existindo apenas na memória e na construção historiográfica.

Em suma, construir uma narrativa histórica no século XXI é um desafio complexo para o historiador, que busca plausibilidade, imparcialidade e a busca pela verdade. A memória desempenha um papel importante nesse processo, assim como a interpretação das fontes primárias e a compreensão do tempo presente. A escrita histórica é uma arte que permite ao historiador apresentar diferentes perspectivas e oferecer novas maneiras de compreender os eventos passados.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri, **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Martins Fontes, São Paulo 1999.

DROYSEN, Jehan Gustav, Arete e método. In: MARTINS, Estevão (org.). **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2015.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. Sobre a tarefa do historiador. In: MARTINS, Estevão (org.). **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2015.

PAREYSON, L. **Verdade e Interpretação**. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

MALATIAN, Teresa. Chateaubrian. In Jurandir Malerba In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

RANKE, Leopoldo Von. Sobre o caráter da ciência histórica. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas – SP, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo II. Campinas – SP, 1995.



RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas – SP, 1997.

TOPOLSKI, Jerzy. **Metodología de la historia**, Madrid, Editorial Cátedra, 3ra Ed., 1983.

TREVELYAN, George Macaulay. Viés da História, in: In: MARTINS, Estevão (org.). **A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2015.